OS LIVROS DIDÁTICOS E AS VARIANTES LINGUÍSTICAS: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO



ALESSANDRA VANESSA PEREIRA
Graduada em Pedagogia pela Faculdade Sumaré (2018); Licenciada em Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário Cidade Verde (2024); Especialista em Educação Especial e Inclusão com ênfase no Atendimento Educacional Especializado (AEE).
Professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

RESUMO

Este artigo analisa a abordagem das variantes linguísticas em livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao Ensino Médio, tomando como base a pesquisa desenvolvida no trabalho de conclusão de curso da autora. O estudo discute a importância da Sociolinguística para o ensino da língua materna e examina se os materiais analisados favorecem uma compreensão ampla da diversidade linguística brasileira ou privilegiam predominantemente a norma-padrão. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada em autores como Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Irandé Antunes, João Wanderley Geraldi, Luiz Antônio Marcuschi e Evanildo Bechara. Os resultados evidenciam avanços na inclusão do tema da variação linguística, porém demonstram que a abordagem ainda ocorre de forma superficial, mantendo centralidade na gramática normativa. Conclui-se que o livro didático precisa assumir uma perspectiva mais crítica e inclusiva, contribuindo para o combate ao preconceito linguístico e para a formação cidadã dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Livro didático; Sociolinguística; Ensino Médio; Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa caracteriza-se por sua diversidade e dinamismo, refletindo aspectos históricos, sociais, culturais e regionais da sociedade brasileira. Apesar desse reconhecimento na literatura científica, a escola ainda enfrenta o desafio de conciliar o ensino da norma-padrão com a valorização das diferentes variedades linguísticas presentes no cotidiano dos estudantes. Essa tensão repercute diretamente na produção dos livros didáticos, que permanecem como um dos principais recursos pedagógicos utilizados nas escolas públicas brasileiras.

Neste artigo, apresenta-se uma versão ampliada e reescrita da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso, cujo objetivo consistiu em analisar como dois livros didáticos de Língua Portuguesa abordam o tema das variantes linguísticas e em que medida essa abordagem dialoga com as orientações curriculares para o Ensino Médio. A discussão parte da compreensão de que reconhecer a pluralidade linguística significa reconhecer também a diversidade cultural dos sujeitos, favorecendo práticas educativas mais inclusivas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociolinguística consolidou-se como um campo de investigação que compreende a língua como um fenômeno social, histórico e cultural. Nessa perspectiva, as diferentes formas de falar não representam desvios da norma, mas manifestações legítimas da diversidade linguística existente em uma comunidade. Essa compreensão rompe com a visão tradicional que estabelece apenas a norma-padrão como modelo legítimo de uso da língua.

Marcos Bagno defende que o preconceito linguístico está relacionado às desigualdades sociais e culturais presentes na sociedade brasileira. Segundo o autor, discriminar a maneira de falar de determinados grupos significa, muitas vezes, discriminar os próprios sujeitos, reforçando processos de exclusão. Dessa forma, a escola deve promover uma educação linguística que respeite a pluralidade dos usos da língua, sem deixar de ensinar a norma-padrão como uma variedade de prestígio social.

Na mesma direção, Stella Maris Bortoni-Ricardo afirma que o professor precisa compreender os diferentes repertórios linguísticos trazidos pelos estudantes para a sala de aula. O reconhecimento dessas variedades favorece práticas pedagógicas mais inclusivas, nas quais o estudante amplia suas competências comunicativas sem abandonar sua identidade linguística.

Irandé Antunes ressalta que o ensino da língua portuguesa deve privilegiar os usos reais da linguagem em situações de comunicação. Para a autora, a aprendizagem significativa ocorre quando leitura, escrita, oralidade e análise linguística são trabalhadas de forma integrada, contextualizada e relacionada às práticas sociais.

João Wanderley Geraldi contribui para essa discussão ao defender que o texto deve ocupar posição central no ensino da língua. Em vez da memorização isolada de regras gramaticais, propõe-se um ensino baseado na produção de sentidos, na interação entre sujeitos e na reflexão sobre os diferentes gêneros discursivos.

Luiz Antônio Marcuschi amplia essa perspectiva ao destacar que a linguagem é constituída por práticas sociais materializadas em gêneros textuais. Assim, o domínio da língua depende da participação dos estudantes em diferentes situações comunicativas, valorizando tanto a oralidade quanto a escrita.

Embora a gramática normativa permaneça importante para determinadas situações formais, Evanildo Bechara defende que seu ensino precisa dialogar com os usos efetivos da língua. A aprendizagem da norma-padrão não deve significar a negação das demais variedades linguísticas, mas a ampliação das possibilidades comunicativas dos estudantes.

As orientações curriculares nacionais reforçam essa perspectiva ao defender que o ensino da Língua Portuguesa promova o desenvolvimento da competência comunicativa, respeitando a diversidade linguística e cultural do país. Desse modo, espera-se que o livro didático ultrapasse uma abordagem exclusivamente normativa e favoreça reflexões sobre os diferentes usos da língua em distintos contextos sociais.

Nesse cenário, o livro didático assume papel estratégico. Além de organizar conteúdos e orientar práticas pedagógicas, influencia diretamente as concepções de língua que circulam na escola. Por essa razão, analisar criticamente esses materiais torna-se fundamental para compreender em que medida contribuem para combater o preconceito linguístico e formar cidadãos capazes de utilizar a língua de maneira crítica, ética e socialmente responsável.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, tendo como objeto de estudo dois livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao Ensino Médio, utilizados em escolas públicas. A análise parte do trabalho de conclusão de curso da autora, que investigou a forma como esses materiais apresentam o conceito de variação linguística e sua relação com as orientações curriculares para o ensino da língua portuguesa.

Como procedimento metodológico, realizou-se a leitura integral dos capítulos destinados ao estudo das variantes linguísticas, identificando conceitos, exemplos, atividades propostas e estratégias pedagógicas empregadas pelos autores. Posteriormente, os conteúdos foram confrontados com o referencial teórico da Sociolinguística e com as orientações dos documentos curriculares vigentes à época da elaboração dos livros, buscando compreender aproximações, limitações e possibilidades.

ANÁLISE DO LIVRO PORTUGUÊS: LINGUAGENS

O primeiro material analisado foi 'Português: Linguagens', de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A obra organiza os conteúdos em torno da literatura, da produção textual e da gramática, procurando integrar diferentes eixos do ensino de Língua Portuguesa.

No tratamento da variação linguística, os autores apresentam inicialmente os conceitos de linguagem, língua e código para, posteriormente, introduzir a noção de variedades linguísticas. Embora a definição esteja de acordo com princípios da Sociolinguística, observa-se que a explicação permanece sintética, exigindo significativa mediação docente para que os estudantes compreendam as relações entre fatores sociais, culturais, históricos e geográficos que influenciam os usos da língua.

Outro aspecto observado refere-se à distinção entre norma-padrão e variedades não padrão. O livro reconhece a existência de diferentes formas de falar, porém dedica maior espaço ao ensino da gramática normativa, o que pode levar os estudantes a compreenderem a diversidade linguística como conteúdo secundário ou complementar.

ANÁLISE DO LIVRO LÍNGUA PORTUGUESA

O segundo livro analisado foi 'Língua Portuguesa', de Heloísa Harue Takazaki. Assim como o primeiro, o material contempla um capítulo específico sobre variação linguística. Entretanto, percebe-se que o tema aparece concentrado em um momento isolado da obra, sem continuidade ao longo das demais unidades.

A análise evidencia que o livro apresenta exemplos representativos das variedades linguísticas, favorecendo a identificação de diferenças regionais e sociais. Contudo, as atividades propostas concentram-se predominantemente na identificação de conceitos, oferecendo poucas oportunidades para que os estudantes reflitam criticamente sobre preconceito linguístico, identidade cultural e adequação da linguagem aos diferentes contextos comunicativos.

Comparando os dois materiais, observa-se que ambos incorporam avanços importantes ao reconhecer a existência das variedades linguísticas. Entretanto, permanecem fortemente vinculados ao modelo tradicional de ensino, no qual a gramática normativa ocupa posição central. Essa constatação reforça a necessidade de que o professor atue como mediador, ampliando as discussões propostas pelo livro didático e promovendo práticas pedagógicas alinhadas aos princípios da educação linguística contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise dos dois livros didáticos permitem constatar que ambos incorporam, ainda que de forma limitada, conceitos fundamentais da Sociolinguística. Em consonância com a pesquisa desenvolvida no TCC, verifica-se que as obras reconhecem a existência das variantes linguísticas e apresentam definições compatíveis com a literatura da área. Entretanto, esse reconhecimento não se traduz em um trabalho sistemático ao longo de todo o material didático.

A presença de um capítulo específico destinado à variação linguística representa um avanço quando comparada aos materiais produzidos em décadas anteriores, nos quais predominava exclusivamente o ensino prescritivo da gramática. Contudo, a organização dos conteúdos demonstra que o estudo das variedades linguísticas permanece isolado, sem articulação consistente com os demais conteúdos de leitura, produção textual e análise linguística.

Essa fragmentação pode contribuir para que os estudantes compreendam a diversidade linguística apenas como um conteúdo teórico, desvinculado das práticas reais de linguagem. A educação linguística contemporânea propõe justamente o contrário: integrar a reflexão sobre a língua aos diferentes contextos de comunicação, possibilitando ao estudante compreender quando, como e por que determinadas variedades são utilizadas.

Outro aspecto observado refere-se ao tratamento da norma-padrão. Em ambos os livros, a variante de prestígio ocupa posição central na organização curricular, enquanto as demais variedades aparecem frequentemente como exemplos ou curiosidades. Embora seja indispensável que a escola ensine a norma-padrão, essa prioridade não deve resultar na

desvalorização das demais formas de expressão linguística.

Os resultados também evidenciam que as atividades propostas concentram-se predominantemente na identificação de conceitos e classificações. São menos frequentes as situações que promovem análise crítica de discursos preconceituosos, reflexão sobre identidade linguística ou discussão acerca da relação entre língua, cultura e cidadania. Essa limitação reduz o potencial formativo do conteúdo e dificulta a construção de uma postura crítica diante do preconceito linguístico.

Outro ponto relevante consiste no papel atribuído ao professor. Os livros oferecem conceitos introdutórios, porém grande parte do aprofundamento depende da mediação docente. Assim, o educador torna-se responsável por ampliar exemplos, contextualizar situações de uso da língua e promover debates que ultrapassem o texto do livro didático.

À luz das contribuições de Bagno, Bortoni-Ricardo, Antunes, Geraldi e Marcuschi, percebe-se que um ensino comprometido com a formação cidadã deve reconhecer a pluralidade linguística como patrimônio cultural. O estudante precisa compreender que diferentes variedades possuem legitimidade em seus respectivos contextos de uso e que dominar a norma-padrão significa ampliar possibilidades de participação social, e não substituir sua identidade linguística.

Os achados desta pesquisa indicam, portanto, que os livros analisados apresentam avanços importantes em relação ao reconhecimento das variantes linguísticas, mas ainda preservam características do ensino tradicional centrado na gramática normativa. A superação desse modelo exige materiais didáticos que integrem a variação linguística às práticas de leitura, oralidade, produção textual e análise da linguagem, favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à necessidade de compreender a variação linguística como um eixo transversal do ensino de Língua Portuguesa. Quando esse conteúdo permanece restrito a um único capítulo, perde-se a oportunidade de relacioná-lo às práticas de leitura, produção textual, oralidade e análise linguística desenvolvidas ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o estudante tende a interpretar a diversidade linguística como um tema isolado, e não como um fenômeno presente em todas as situações de comunicação.

Além disso, verifica-se que os livros analisados apresentam potencial para o desenvolvimento de discussões mais aprofundadas sobre identidade, cultura e cidadania, mas esse potencial nem sempre é explorado pelas atividades propostas. A inserção de textos provenientes de diferentes contextos sociais, culturais e regionais, acompanhados de questões que estimulem a reflexão crítica, poderia contribuir para uma compreensão mais ampla da língua como prática social. Assim, o livro didático deixaria de ser apenas um instrumento de transmissão de conteúdos para assumir, de maneira mais efetiva, o papel de mediador na construção de uma educação linguística crítica, inclusiva e socialmente comprometida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo permitiu compreender que os livros didáticos investigados apresentam avanços ao reconhecerem a existência das variantes linguísticas e ao incorporarem conceitos da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa. Contudo, esses avanços ainda são insuficientes para promover uma educação linguística plenamente comprometida com a diversidade cultural e social presente na realidade brasileira.

Constatou-se que a abordagem da variação linguística permanece concentrada em capítulos específicos, sem integração efetiva com os demais conteúdos do currículo. Em consequência, o ensino continua priorizando a gramática normativa, enquanto as demais variedades aparecem de forma complementar, limitando a compreensão crítica dos estudantes acerca da língua como fenômeno social, histórico e cultural.

Os resultados reforçam a importância da atuação do professor como mediador do processo educativo. Cabe ao docente ampliar as discussões propostas pelo livro didático, contextualizar os conteúdos e desenvolver práticas que valorizem as experiências linguísticas dos estudantes, promovendo o respeito à diversidade e combatendo o preconceito linguístico.

Conclui-se que o livro didático continua sendo um importante instrumento pedagógico, porém não deve constituir a única referência para o ensino da língua materna. A articulação entre o material didático, o conhecimento científico produzido pela Linguística e a prática docente é essencial para favorecer uma aprendizagem significativa e contribuir para a formação de cidadãos capazes de utilizar a língua de forma crítica, ética e adequada às diferentes situações de comunicação.

Diante desse cenário, torna-se evidente que a construção de uma educação linguística comprometida com os princípios da Sociolinguística depende não apenas da qualidade dos livros didáticos, mas também da formação inicial e continuada dos professores. O docente precisa estar preparado para interpretar criticamente os materiais utilizados em sala de aula, ampliando as discussões propostas e promovendo práticas que valorizem a diversidade linguística sem desconsiderar a importância do ensino da norma-padrão. Esse equilíbrio contribui para a formação de estudantes capazes de reconhecer diferentes formas de uso da língua, respeitando a pluralidade cultural e exercendo sua cidadania de maneira crítica.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as reflexões acerca do papel do livro didático na promoção de uma educação linguística mais democrática. Ao reconhecer a legitimidade das diferentes variedades do português brasileiro, a escola fortalece práticas pedagógicas inclusivas e combate preconceitos historicamente presentes na sociedade. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa passa a cumprir não apenas uma função normativa, mas também social, cultural e formativa.

Como perspectiva para pesquisas futuras, sugere-se ampliar a investigação para livros didáticos produzidos após a implementação da Base Nacional Comum Curricular, bem como analisar como professores e estudantes percebem a abordagem das variantes linguísticas nas práticas cotidianas de sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BARTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? liberdade?** 12. ed. São Paulo: Ática, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**. São Paulo: IBEP, 2016.